

4 Grande Plano

“A Igreja não é chamada a ir junto das periferias da humanidade para deixar uma mensagem (...), mas a estar onde estão as pessoas com quem Deus quer estar.”

(D. Virgílio Antunes, Natal 2015, Missa da Noite)



A GRANDE PROPOSTA DE FRANCISCO “Passar da indiferença à misericórdia, através de uma cultura de solidariedade”

Padre, médico especialista, professor de teologia, colunista, pároco de Santa Isabel (Patriarcado), Diretor do Secretariado Nacional da Pastoral Social, assistente da Comissão Nacional Justiça e Paz, assistente da Cáritas Portuguesa, coordenador Nacional da Pastoral da Saúde, o Padre José Manuel Pereira de Almeida responde ao *Correio de Coimbra* em entrevista que tem como pano de fundo a Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2016, do Papa Francisco. Relacionada com a Paz, o *Correio* publica também a homilia de D. Virgílio Antunes no dia 1 de janeiro, em que o nosso Bispo considera que o “diálogo aberto, a compreensão, o respeito e a humildade” são a única via para superar a “guerra, por vezes surda, por vezes ruidosa, entre grupos que, dentro da Igreja católica, têm entendimentos diversos sobre alguns pontos da doutrina e da prática eclesial”.

Na sua Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2016, o Papa Francisco destaca três acontecimentos de 2015 que permitem “conservar as razões da esperança”: a Cimeira da ONU sobre as alterações climáticas (COP 21), a Cimeira de Adis-Abeba, e a Agenda 2030 das Nações Unidas. Parecendo quase marginais, creio todavia que estas referências não são gratuitas e evocam valores e diretrizes fundamentais para a construção da paz. Propunha que nesta conversa nos detivéssemos sobretudo nelas.

Que valores e diretrizes podemos ler no recente acordo de Paris sobre as “alterações climáticas”?

É muito significativo que o Papa Francisco (na senda do Concílio Vaticano II, nos cinquenta anos da sua conclusão, e do Papa Paulo VI, que o encerrou com essa tônica) acentue a dimensão esperança na sua Mensagem para o dia Mundial da Paz.

O ponto mais relevante do Acordo de Paris corresponde à obrigação de participação de todas as nações no combate às mudanças climáticas. O facto de terem sido 195 países membros da Convenção do Clima da ONU e a União Europeia a ratificarem o documento parece-me uma viragem histórica, já que sobre estes temas do clima (nos fóruns políticos, ainda mais do que nos científicos) se estava sempre muito longe do consenso. Trata-se, pois, de um compromisso que explicita a co-responsabilidade do vivermos todos sobre a terra: viver traduz-se sempre no conviver.

O objetivo de longo prazo do acordo é manter o aquecimento global “muito abaixo de 2°C”, já que esse é o ponto em que há consenso científico como exigência para que o nosso planeta tenha futuro. Subtraímos-nos, deste modo, à elevação do nível do mar, a outros fenómenos climáticos extremos, como secas e tempestades,

bem como à falta de água potável e de alimentos para as próximas gerações.

A sua pergunta é sobre os valores. Eu diria que o valor defendido neste acordo é o valor da ‘vida’. Como sabemos, não sendo um valor absoluto, a vida é um valor fundamental, isto é, fora do qual nenhum outro valor é possível ser promovido. Mas há outro valor posto aqui particularmente em evidência que é o da ‘solidariedade’: «a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos», como o Papa Francisco indica no n.5 desta Mensagem, citando a *Sollicitudo rei socialis*, de S. João Paulo II, no seu n.38. A referência ao princípio do ‘bem comum’ é implicitamente complementada pela evocação de outro princípio: o do ‘destino universal dos bens da terra’.

Que palavra original pode a Igreja trazer às questões da ecologia?

Não por acaso a publicação da encíclica *Laudato si’* decorreu meses antes desta Cimeira. Em tempo útil para poder ser conhecida a sua mensagem e os seus apelos serem levados em conta.

Depois do primeiro capítulo, que constitui um diagnóstico da situação – «O que está a acontecer à nossa casa» –, o mais original da reflexão eclesial vem expresso nos capítulos seguintes, correspondentes ao “julgar” do método indutivo utilizado: «O Evangelho da Criação», «A raiz humana da crise ecológica» e «Uma ecologia integral». Creio que a compreensão do mundo a partir da teologia da Criação (e também da da Redenção) é o que de mais próprio podemos levar ao diálogo interdisciplinar sobre estas matérias. Sempre atentos

ao que outros, a partir de outras tradições, são portadores. Também esta atenção e este acolhimento hão-de ser considerados como ‘original’ por parte da Igreja que somos.

O que está por detrás da referência do Papa Francisco, numa Mensagem sobre a Paz, à Cimeira de Adis-Abeba (que afinal é um acontecimento que se repete regularmente)?

O Papa, ao referir-se à Cimeira que reúne os Chefes de Estados dos países africanos como um sinal de esperança, convida-nos a olhar para as periferias e a reconhecer os pobres como protagonistas da nossa História. Tanto mais que esta Cimeira se destinou a estudar estratégias para a obtenção de «fundos destinados ao desenvolvimento sustentável do mundo» (n.2).

As palavras do Papa Francisco, como as de todos, devem ser

“A missão evangelizadora nasce do desejo que Deus tem de chegar a todos os homens como Deus misericordioso, bondoso e cheio de amor.”
(D. Virgílio Antunes, Natal 2015, Missa do Dia)

complementadas, ilustradas – e, no que diz respeito a este Papa, de que maneira! – pelos seus gestos. Parece-me que a sua última viagem ao coração da África, realizada apesar de tantos aconselhamentos contrários, é o gesto que acompanha esta referência.

Agenda 2030. O que é? Em que é que ela toca os grandes valores cristãos?

A Agenda 2030 traduz-se em Objectivos para o Desenvolvimento Sustentável. De novo esta expressão – “desenvolvimento sustentável” –, tão cara à reflexão ecologista em geral, à tradição do pensamento social cristão, em especial desde a *Populorum progressio* (1967), do Beato Paulo VI, e ao Papa Francisco em particular.

A Agenda 2030 apresenta uma visão abrangente, onde se estabelece um conjunto de objectivos que pretendem alcançar uma erradicação global da pobreza, de forma sustentável. Mais uma vez, como sublinhou a direcção da Cáritas Portuguesa em 16 de Outubro passado, ao assinalar o Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza, «o destaque vai para o facto de as suas metas serem apontadas para todos os países e não mais uma agenda exclusiva dos Países em Desenvolvimento. Pretende-se assim, reforçar uma responsabilidade e solidariedade que devem ser universais».

Como no Acordo de Paris, de novo aqui: todos os países. Todos responsáveis por todos.

Podemos acreditar na vontade política para cumprir a nível mundial esta Agenda?

Não podemos não acreditar! Mas é importante que saibamos participar, como sociedade civil, na implementação das políticas que possam levar a que a Agenda 2030 não se desvança como uma miragem. Várias iniciativas têm sido apontadas, nomeadamente na rede Cáritas: que o desenvolvimento sustentável seja, de facto, uma prioridade transversal e determinante de todas as políticas governamentais; que se encorajem as lideranças políticas, ao mais alto nível, a elaborar uma estratégia e um elenco de medidas concretas e coerentes, com mecanismos de coordenação e de avaliação sistemáticos e eficazes; que nos afastemos progressivamente da doutrina do crescimento económico a todo o custo e apoiemos trabalhos em curso em matéria de índices de felicidade na vida concreta que substituam o PIB; que apoiemos, quer com a reflexão, quer com ensaios práticos, vias de transição do modelo económico que conhecemos – «Esta economia mata» (*Evangelii gaudium*, 52) – para uma economia que faça viver: mais diversificada e socialmente responsável.

O Papa também refere os “actos terroristas” do passado recente e volta a falar, pelo menos pela terceira vez, numa “guerra mundial por etapas”. Para além da esperança, há também razões para o medo?

O medo é mau conselheiro... Mas é sensato perceber que as tensões existentes no tempo presente têm sido vividas com uma violência cada vez mais preocupante. O Papa conhece (bem melhor do que eu imagino) a complexidade da situação. No que me diz respeito, compreendo o seu alerta como um convite à conversão, a uma mudança radical: a construção da paz não pode ser adiada.

Que ideia ou ideias destacaria como “coração da Mensagem do Dia Mundial da Paz 2016”?

Intitulada «Vence a indiferença e conquista a paz», a Mensagem propõe um combate a todas as formas de indiferença, já que o Papa Francisco considera que paz é ameaçada pela globalização da indiferença. Ora, neste Ano da Misericórdia, é essa conversão que propõe: passar da *indiferença à misericórdia*, através de uma cultura de solidariedade.

Por último, o que é que os “organismos oficiais” da Igreja, como por exemplo a Comissão Nacional Justiça e Paz, de que o Pe. José Manuel é assistente religioso, podem fazer, no pensar e no agir em campo social, para interferir nos destinos do nosso mundo, nomeadamente no campo da paz?

Diria que, por um lado, podem intervir sob o ponto de vista da divulgação do pensamento social da Igreja, geralmente pouco ou mal conhecido. A propósito desta Mensagem, por exemplo, só o Presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz deu uma entrevista à Agência Ecclesia, que foi transcrita no semanário digital e transmitida no programa 70X7 de domingo 3 de Janeiro (<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/paz-sociedade-globalizada-vive-indiferenca-perante-deus-o-proximo-e-a-criacao>), escreveu um artigo para o sítio da Pastoral Juvenil nacional (<http://www.portal.ecclesia.pt/pjuvenil/site/index.php/grao-de-mostarda/522-da-indiferenca-a-misericordia>) e participou numa conversa na secção portuguesa da Rádio Vaticano.

A reflexão não pode, contudo, permanecer ao nível mais geral e abstracto: espera-se que os “organismos oficiais” da Igreja (a Comissão Nacional e as Comissões Diocesanas Justiça e Paz, a Cáritas Portuguesa e as Cáritas Diocesanas,...) sejam capazes de continuar a ler a nossa realidade concreta, para que, à luz do Evangelho, saibam contribuir, em conjunto com todas as pessoas de boa vontade, no sentido de que as transformações sociais, algumas delas urgentes, possam ser realizadas, de forma a construirmos uma sociedade mais justa e mais fraterna.



SOLENIDADE DE SANTA MARIA MÃE DE DEUS

Dia Mundial da Paz 2016

Virgílio Antunes

N a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, o primeiro dia do novo ano, a liturgia convida-nos a ir ao presépio de Belém juntamente com os pastores e aí contemplar Maria, José e o Menino deitado na manjedoura. Para além de nos centrarmos no cenário original do natal, havemos de interrogar-nos acerca da motivação de Deus que fez acontecer o natal de Jesus, o natal da fé.

No Livros dos Números, o Senhor pede a Moisés que interceda junto de Aarão para que todo o povo de Israel seja abençoado, veja brilhar a face de Deus, conheça o Deus que lhe é favorável e lhe concede a paz. Este texto exprime uma constante do Antigo Testamento: Deus olha para os seus filhos, preocupa-se com eles, acompanha o seu peregrinar sobre a terra, não fica indiferente a nada do que se passa com ele.

São Paulo, na Epístola aos Gálatas, conhecedor de toda a revelação do Antigo Testamento, interpreta a encarnação de Jesus, o Filho de Deus, como o culminar de uma história de relação entre Deus e a humanidade. Deus acompanhou sempre o seu povo e, quando chegou a plenitude dos tempos, enviou o seu Filho para o resgatar e a todos tornar seus filhos adotivos, de modo que possam tratar-l’O por Abbá, Pai.

Se falar da relação de Deus com a humanidade podia não exprimir suficientemente uma relação próxima, familiar e amiga, que dá origem à preocupação e ao acompanhamento em todas as situações, falar da relação de Deus, como um pai, com os homens, como seus filhos, não deixa qualquer dúvida acerca do modo de ser de Deus e das suas motivações mais profundas.

Contrariando todas as ideias de Deus que nos apresenta a história das religiões, a revelação judeo-cristã apresenta-nos Deus tão ocupado e preocupado com o seu povo, que desce, vem, acompanha e está presente. Não é o Deus ausente ou impassível, não é o Deus que reivindica os seus direitos, mas o Deus presente, que sente, que se move, que nos torna seus filhos adotivos, que se dispõe a ser nosso Pai.

Quando a Escritura fala do Deus que nos abençoa e nos dá a paz, dá-nos a conhecer o Deus totalmente voltado para nós, que não se centra em si, que não se preocupa consigo nem com o seu poder, que não pode ficar indiferente diante de nós, porque é um Deus de misericórdia, porque é amor, no fundo, porque é Deus. Bênção e paz são, portanto, duas palavras que nos apontam para a vida feliz, que nos revelam a motivação de Deus que vem ao nosso encontro para nos ajudar a viver bem e a viver felizes.

Toda a narração bíblica, que culmina na encarnação de Jesus, no natal, mostra-nos como Deus se ocupa de nós, como não lhe somos indiferentes e como Ele não fica indiferente diante das nossas alegrias e tristezas.

São grandes os desafios que nos traz esta motivação de Deus quando vem ao nosso encontro. Aponta-nos para atitude que há de definir a motivação fundamental de todas as relações humanas, entre as nações e os povos: acabar com a indiferença e trabalhar ativamente para que tudo o que se passa com os outros seja também parte da nossa vida, tenha a ver connosco, condicione os nossos comportamentos.

Na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz, que hoje celebramos, o Papa Francisco ofereceu-nos uma visão das relações entre as pessoas e entre os povos marcadas pela preocupação, partilha, conhecimento, proximidade – tudo o que é contrário à indiferença, que tão frequentemente se vive.

Ao contrário do que, às vezes se pensa, a indiferença não gera a paz, mas a guerra, não cura as feridas, mas agrava-as, não resolve problemas, mas aprofunda-os, porque a vocação de cada pessoa

“Convido-vos a olhar para muitas realidades que precisam que passemos da atitude de indiferença para a aproximação e a colaboração ativa.”

consiste em viver com as outras pessoas, consiste em estar, permanecer, acompanhar e amar. Nas relações entre os povos e as nações também não é possível desenvolver o bem estar e a paz vivendo na indiferença, pois os fossos aprofundam-se sempre mais, surgem as desconfianças e depois os ódios. Não há outra via humana para aproximar pessoas e povos que não seja o encontro, o conhecimento, o diálogo, a colaboração e cooperação. A indiferença, que é sempre uma atitude negativa, acaba por gerar a guerra nas suas mais variadas formas.

Neste dia de ano novo, convido-vos a olhar para muitas realidades que precisam urgentemente que passemos da atitude de indiferença para o conhecimento, a aproximação e a colaboração ativa, como caminho para a paz que o Senhor nos oferece com a sua bênção.

A família é, por excelência, o lugar das relações que fazem as pessoas felizes ou que as destroem e lhes fazem a vida num inferno.

É muito comum a tentação de se viver na mesma casa de costas voltadas, de fazer das relações familiares relações de indiferença e ausência de compromisso como modo de ultrapassar problemas ou de os não criar. Este modo de estar não satisfaz ninguém, causa a infelicidade de todos, leva às rupturas cada vez maiores, divide as pessoas e acaba por separá-las. O lugar das relações, da bênção, da felicidade, da paz, torna-se o lugar da guerra e da destruição das pessoas. Quando éramos escravos e sujeitos à Lei, Deus enviou o seu Filho, que inaugurou um novo tempo de relações, de Pai e filho, de encontro; não ficou indiferente, agiu, abriu um novo caminho de paz.

Depois de tempos de algum modo tranquilos, volta a agudizar-se a questão da relações dentro da Igreja, entre os crentes de diferentes religiões e entre os não crentes e os crentes.

Dentro da Igreja Católica assiste-se a uma guerra, por vezes surda, por vezes ruidosa, entre grupos que têm entendimentos diversos sobre alguns pontos da doutrina e da prática eclesial. Nada se cura pela indiferença nem pela oposição. A via proposta pelo Senhor é sempre a do diálogo aberto, a da compreensão, do respeito e da humildade diante dos outros e do mistério que nos envolve.

A relação entre as religiões está a sofrer muito em virtude da afirmação dos fundamentalismos de vária índole que se têm vindo a afirmar por meio do discurso radical e de ações desumanas. É um problema que está na ordem do dia, que tem muitos contornos culturais, económicos, políticos, com o qual o mundo tem de aprender a lidar. Qualquer solução tem de passar inevitavelmente pela aproximação, pelo encontro, pelo diálogo, pelo respeito dos direitos humanos e da igual dignidade de todos os homens.

No início deste novo ano abrem-se novos horizontes de bênção, que o Senhor, nos convida a percorrer. Acolher a misericórdia de Deus e tratar os outros com misericórdia é luta contra a indiferença e caminho aberto para a construção da paz.

Que nos disponhamos a reiniciar um caminho de mudança cultural, pois a dominante cultura da indiferença em relação a Deus, aos outros, à sociedade, à política, à religião, à ética... não é caminho de futuro.

Nas mãos de Santa Maria, Mãe de Deus, colocamos todos os homens e mulheres para que, com um coração de mãe, os ajude a olhar para os outros como irmãos, com quem se preocupam, que conhecem e que acompanham na construção da paz.